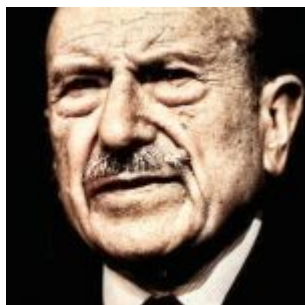


RICARDO CARVALHO CALERO

(1910-1990)



Ricardo Carvalho Calero foi o polígrafo galego mais importante da segunda metade do século XX, a nível nacional. Licenciou-se em Direito e Letras e foi escritor, crítico literário, poeta, ensaísta, novelista, dramaturgo e docente, entre outras atividades.

Foi colaborador em inúmeros jornais e revistas, entre os quais podemos destacar *Vida Gallega*, *La Noche*, *El Correo Gallego*, *El Compostelano*, *Aturuxo*, *Céltiga*, *A Nosa Terra* e *Agália*. Neles, publicou quer artigos quer poemas.

Apesar de ser mais conhecido e reconhecido como docente e ensaísta, com obras importantíssimas como a sua *História da Literatura Galega Contemporânea* e a *Gramática Elemental del Gallego Común*, foi um poeta prolífico. Pertenceu à Geração do Seminário de Estudos Galegos, tal como ele a denominou na sua História, e escreveu mais de 700 poemas, sendo a metade deles em língua galega (português da Galiza). A maior parte da sua poesia está recolhida nos poemários *Pretérito Imperfeito* (1980), *Futuro Condicional* (1982), *Cantigas de Amigo e outros poemas* (1986) e *Reticências...* (1990). Os poemas que achamos, relacionados com a Europa e a II Guerra Mundial, figuram em *Futuro condicional* e *Reticências....*

Nos dois primeiros poemas temos referências à II Guerra. No primeiro, “Sétima frota”, aparecem do seguinte modo: “Éramos muitos, altos, loiros. / Mariñeiros. / Americanos. / Estábamos en guerra / e querian nos divertir”. Aqui, Carvalho Calero situa-se entre os soldados americanos, descrevendo como estes se divertem olhando para mulheres nuas, enquanto traça um paralelismo com as lendas gregas, comparando-as com sereias e elaborando uma apresentação que nos poderia lembrar a Vênus de Botticelli, tentando cobrir as partes impúdicas do seu corpo. O segundo poema, “No Búnker”, é todo ele uma recriação

RICARDO CARVALHO CALERO

do que poderá ter acontecido quando o ditador se suicidou, junto com a sua mulher. Antes de findar a guerra.

Nos três últimos há referências diretas à Europa. Em “Auletés”: “Abeirado à areia de Líbia ou à chaira central de Europa, / o auletés, / cuidando en legionários ou cosacos, / barboleta saudosa, zuga o mel / da triste flor da flauta, / pandiando baixo o klaft ou tricórnio / a saudosa cabeça pendurada do alén”. No poema “A rainha, orgulhosos seios de ouro”: “A rainha, orgulhosos seios de ouro, / no horizontal arminho está rendida. / No seu sonho galopa para a vida, / Europa a cavalgar o branco touro”. Finalmente, em “A Orquestra Filarmónica de Osaka”: “Ásia digere Europa. O pragmatismo / assume o romantismo. O eslavismo / acolhe o germanismo. O sinecismo / sob o teu signo reina”, “alguns povos vestígios de seu, matam / coas tuas armas, amam / cos teus beijos, falam coas tuas palavras, / mais cada vez, cada vez mais, Europa” e “Mas o mundo vai-se fazendo Europa / enquanto Europa vai fazendo o mundo”. Estes dois últimos poemas mostram, com clareza, a ideia de que a Europa está a se renovar, a se fazer um lugar melhor, e o mundo todo está a seguir o seu exemplo.

### **Lista de poemas sobre a Europa**

- “Sétima frota”, *Futuro Condicional* (1982)
- “No búnker”, *Futuro Condicional* (1982)
- “Auletés”, *Futuro Condicional* (1982)
- “A rainha, orgulhosos seios de ouro”, *Reticências...* (1990)
- “A Orquestra Filarmónica de Osaka”, *Reticências...* (1990)

### **Antologia breve**

SÉTIMA FROTA

Éramos muitos, altos, loiros.

RICARDO CARVALHO CALERO

Mariñeiros.  
Americanos.  
Estábamos en guerra  
e querían nos divertir.  
¿Onde estábamos? Baixo teito.  
Mandaran-nos mozas, cantarinas, danzarinas.  
Mozas dos arquipiélagos,  
risoñas sereias dos mares do sul.  
Unha subía a un tabueiro; alguén no-la amosaba.  
Ben a vin. Era salgada e fresca como un peixe.  
Puxeron-no-la de fronte: e nos peitos e no ventre  
veus de follas, flores e xebras velaban-na.  
Puxeron-no-la de costas: e vimo-la nua  
desde a cabeza aos pes.  
E un imenso clamor ergueu-se das nosas gorjas.

*(Futuro Condicional, 1982)*

## NO BÚNKER

Chegou ao búnker Eva Braun. Proibira-lle  
Adolfo Hitler que se lle reunise.  
Ao ve-la ali, contra as súas propias ordes,  
fingiu asañar-se Adolfo, mais os ollos  
brillaban-lle de dita. Amaba-a, logo.

As esperanzas tolas, como a guerra  
de oriente e ocidente, aínda aos máis tolos  
gearan-se-lles. Balas e cianuro,

RICARDO CARVALHO CALERO

a derradeira solución. O xefe  
preparou-se a morrer. Dispuxo Adolfo  
que abandonase o búnker Eva, o búnker  
que ia ser panteón para el dormir.

Eva Braun dixo: «Mais ti sabes ben  
que non te deixarei». Daquela, Hitler  
a boca lle bicou perante todos.  
Veu logo o casamento e o suicídio.  
Amaba-o, logo.

Eu, Joseph, sacerdote  
católico, que en Buchenwald estiven  
—devanceiros judeus teño, e obriga-me  
Cristo, meu Salvador, a resistir  
todo racismo— e torturado foi  
o meu corpo e aldrajada a miña alma,  
e fiquei para sempre eivado, e ando  
nunha cadeira que, de rodas, movo,  
vejo no sacrificio da infeliz,  
nas faíscas dos ollos do cruel,  
no verdadeiro amor que revelaron,  
ben que coitado, e desvairado, e cego,  
unha liña de luz  
no meio das atroces trebas,  
que me irmana cos meus verdugos. Cruzo  
as mans sobre o meu colo. Non me podo  
ajoellar pola miña eiva. E rezo  
por ela e el, porque son un cristián  
e un sacerdote. Eu, Joseph Dieter Weill.

RICARDO CARVALHO CALERO

*(Futuro Condicional, 1982)*

## AULETÉS

En Lokhias tange unha flauta,  
en Sanssouci;  
asi consola a sua morriña  
Ptolomeu;  
Friedrich asi.  
Esmagadora Alexandria,  
ríspeta Postdam;  
é melancólico ser rei,  
lendo a Catulo ou a Voltaire.  
Abeirado à areia de Líbia  
ou à chaira central de Europa,  
o auletés,  
coidando en legionários ou cosacos,  
barboleta saudosa, zuga o mel  
da triste flor da flauta,  
pandiando baixo o klaft ou tricórnio  
a saudosa cabeza pendurada do alén.  
Non importa estar bébedo  
e beliscar a garupa dos dias, ou  
dispor as compañías de chumbo  
sobre unha mesa rococó.  
Grave cárrega é ser rei,  
basileus ou könig,  
capitán ou sobornador,  
contendendo con César ou kaiser

RICARDO CARVALHO CALERO

mediante lume de ouro ou fogo de cañón.

Bañar no río tépido da música  
a alma cansa de esculcar,  
é natural;  
fia tristeza o rei asi,  
o auletés,  
en Lokhias ou en Sanssouci,  
verme choroso, para se encasular,  
que a coita en seda é menos ruin.  
Por iso sempre ao empardecer,  
tange en Lokhias, en Sanssouci,  
a misteriosa flauta real.  
Baixo a lua pura e cruel,  
entre a triganza do viver,  
fia a sua bágoa o auletés.

(Futuro Condicional, 1982)

A rainha, orgullosos seios de ouro,  
no horizontal arminho está rendida.  
No seu sonho galopa para a vida,  
Europa a cavalgar o branco touro.

A coroa de luz, o verde louro  
cantam a sua vitória entrevecida.  
E a cabeleira acende-lhe, ferida  
de sol, a pel floral, fluvial tesouro.

Lateja a rosa de especioso aroma  
baixo o ominoso abraço gandideiro  
do fantasma cruel que a apreija e doma.

RICARDO CARVALHO CALERO

E entre as névoas do pasmo derradeiro,  
inclina-se, paixom que em noite agroma,  
sobre os lábios de lume o Cavaleiro.

(Reticências..., 1990)

A Orquestra Filarmónica de Osaka,  
em Bratislava interpreta  
a Sétima Sinfonia.

Ásia digere Europa. O pragmatismo  
assume o romantismo. O eslavismo  
acolhe o germanismo. O sinecismo  
sob o teu signo reina.

Ti, sobre o branco touro, bela  
dos grandes olhos, navegaste  
nom só o Mar Nosso, até Creta; tamém  
os Sete Mares, conquistadora  
do antigo e novo mundo, com exércitos,  
com inventos, e máquinas, e ideias,  
espargendo a tua força, a tua graça,  
a tua moda, a tua ciência, a tua  
técnica. E ainda que conservem  
alguns povos vestígios de seu, matam  
coas tuas armas, amam  
cos teus beijos, falam coas tuas palavras,  
mais cada vez, cada vez mais, Europa.  
O maestro de oblíquos olhos  
dirige a tua música  
vestido co teu fraque, a estreira  
coa tua mao a mao

RICARDO CARVALHO CALERO

do primeiro violino.  
Só podem superar-te  
os que te reconhecem  
como mai ou madrasta, os criados  
aos teus peitos, os assoalhados  
polos teus pés, emancipados ou  
manumitidos. Para ser senhores  
de si mesmos, tenham que ter sido  
filhos ou servos teus, e ao rebelar-se  
contra ti, corroboram-te e proferem  
na língua tua a fórmula  
da sua independência.  
E podem renegar  
de ti, porque lhes deste  
a consciência de serem eles próprios;  
porque ti os concebeste ou os calcaste  
co teu selo de fogo,  
como no curro  
dos montes da Barbança os bravos poldros  
de esgrêvias crinas, tardos de domar.  
Espalhada por cinco continentes,  
vás como umha maré todo alagando.  
Pagas o teu tributo aos que dominas.  
Tem mais petróleo Ammérica; Japom,  
mais cortesias e calculadoras.  
Mas o mundo vai-se fazendo Europa  
enquanto Europa vai fazendo o mundo.  
E o branco touro que te namorara,  
polo espaço nadando chega à lua,  
para desembarcar-te



RICARDO CARVALHO CALERO

em amorosas praias siderais,  
onde génios, ou anjos,  
ou deuses, a benvinda che darám,  
oh Europa dos redondos brancos peitos,  
interpretando para ti os acordes  
do final da Novena Sinfonia.

(*Reticências...*, 1990)

### **Bibliografia ativa selecionada**

MONTERO-SANTALHA, José Martinho (1992), *Carvalho Calero e a sua Obra*, Ediciós Laiovento.

— (1982), *Futuro Condicional*, Ediciós do Castro.

— (1990), *Reticências...*, Sotelo Blanco.

**Paulo Fernandes Mirás**

### **Como citar este verbete:**

MIRÁS, Paulo Fernandes (2022), “Ricardo Carvalho Calero”, in *A Europa face a Europa: poetas escrevem a Europa*. ISBN 978-989-99999-1-6.

---

“ *RICARDO CARVALHO CALERO*

---